
Desvendando a narrativa: a construção midiática de Jean Wyllys pela Folha de S. Paulo na luta pelos direitos LGBTQIAP+¹

Vinícius de Jesus Rodrigues dos SANTOS²
Maria Cristina GOBBI³

Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

Este artigo tem como propósito realizar uma análise acadêmica da cobertura midiática do Jornal Folha de S. Paulo no que tange à identidade LGBTQIAP+. Especificamente, focaliza-se na figura pública de Jean Wyllys. Através da análise de conteúdo, o objetivo é compreender como essa personalidade foi retratada e representada pelo referido jornal, assim como suas contribuições para a comunidade LGBTQIAP+. A pesquisa examinará as narrativas jornalísticas, estratégias discursivas e enquadramentos utilizados pelo periódico, com a finalidade de investigar possíveis vieses, estereótipos e lacunas presentes na cobertura. Os resultados obtidos permitirão uma compreensão mais aprofundada da representação midiática da identidade LGBTQIAP+ e contribuirão para o debate sobre o papel desempenhado pela mídia na construção de discursos sociais relacionados à diversidade de gênero e sexualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Folha de S. Paulo; Jornalismo; Costumes; Política; LGBTQIAP+.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), tem como premissa uma análise da construção midiática de Jean Wyllys pelo jornal Folha de S. Paulo, com ênfase em sua trajetória como ativista gay e defensor dos direitos LGBTQIAP+⁴ no Brasil.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso de Jornalismo da FAAC-Unesp. Bolsista Fapesp IC - Proc. nr. 2022/09417-0 email: vj.santos@unesp.br

³ Bolsista de Produtividade do CNPq. Pesquisadora Livre-Docente pela Unesp. Bolsista Fapesp (Processo 2022/08397-6). Professora Associada da FAAC-Unesp, nos cursos de graduação e nos programas de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia e em Comunicação, desde 2008. Orientadora do trabalho. email: cristina.gobbi@unesp.br

⁴ [Nota autoral] A sigla LGBTQIAP+ constitui um conjunto abrangente de identidades que divergem dos padrões hegemônicos da heteronormatividade, implicando em uma não identificação com a heterossexualidade. Nesta codificação, encontram-se contempladas as categorias de lésbicas (L), gays (G), bissexuais (B), indivíduos transexuais, travestis e transgêneros (T), bem como aqueles que se autodenominam queer (Q), pessoas intersexuais (I), assexuais (A), pansexuais (P), além do símbolo '+' que engloba outras orientações sexuais e identidades de gênero não previamente especificadas na referida sigla.

Os propósitos almejados centram-se na oportunidade de uma análise aprofundada das narrativas midiáticas, buscando a exploração das estratégias discursivas empregadas pelo setor jornalístico, bem como os possíveis efeitos que essas estratégias podem ter na formação da opinião pública e no avanço de uma sociedade mais inclusiva e justa. Ademais, a revisão teórica tem proporcionado uma compreensão mais clara da interdependência entre a cobertura midiática e a agenda política, particularmente em relação à denominada "pauta de costumes", cujo emprego suscita polêmicas no âmbito jornalístico. A utilização inadequada dessa expressão tende a minimizar as diversas lutas sociais relacionadas à igualdade de gênero, equidade racial, direitos LGBTQIAP+, direitos humanos e diversidade.

Julian Rodrigues⁵ (2019) faz uma análise crítica do uso inadequado da terminologia "pauta de costumes" como representação das diversas lutas sociais, incluindo a busca pela igualdade de gênero, igualdade racial, direitos sexuais e reprodutivos, direitos humanos, políticas afirmativas e o reconhecimento da diversidade, entre outras questões relevantes. O autor sugere substituir o termo "pauta de costumes" por "agenda de direitos", pois considera que "costumes" se refere a práticas habituais e frequentes, enquanto a discussão em questão envolve direitos fundamentais. Rodrigues enfatiza que,

Embora não fique explícito, quando alguém saca o termo “agenda de costumes”, o que se fala, de fato, é de igualdade de gênero, de igualdade racial, de direitos LGBTI, de direitos civis, de direitos sexuais e reprodutivos, de reconhecimento da diversidade, de direitos humanos, afinal. Ou seja: não tem nada de “costume”, de detalhes comportamentais ou culturais. Trata-se de DIREITOS. Da luta pelo fim da discriminação, das opressões. Do pleno reconhecimento dos direitos e da igualdade. Estamos falando da luta feminista e antirracista. E da jornada pelos direitos sexuais e reprodutivos. Pelo reconhecimento das minorias e de toda diversidade humana. Toda vez que alguém usa o termo “pauta de costumes” a intenção é “passar um pano”, subestimar a luta das mulheres, negros e negras, LGBTI, jovens, periféricos, dissidentes. (Rodrigues, 2019, p. 1)

Dessa forma, justifica-se o objetivo geral deste estudo que busca analisar as características jornalísticas das narrativas que envolvem o referido indivíduo político,

⁵ Julian Rodrigues, professor e jornalista, mestre em ciências humanas e sociais, é militante do movimento de Direitos Humanos e LGBTI. Idealizador da Frente Parlamentar LGBT, foi coordenador LGBT do governo Haddad e criador do Transcidadania.

Jean Wyllys, que publicamente assume sua identidade dentro da comunidade, identificar os estereótipos presentes na cobertura e estabelecer conexões com a agenda política e os direitos sociais e humanos.

Por essa razão, o presente estudo ressalta a importância de uma abordagem abrangente e inclusiva na mídia, com enfoque na valorização da atuação política, dos ideais defendidos e dos impactos sociais e culturais das lutas de ativistas notáveis, como é o caso de Jean Wyllys. A presente investigação adotou a metodologia da Análise de Conteúdo conforme proposta por Bardin (2011), a fim de analisar um conjunto de 18 matérias veiculadas no período compreendido entre 13 de fevereiro de 2005 e 4 de abril de 2013. A categorização das matérias foi efetuada em duas abordagens distintas: 1) menção direta, referente a publicações que tratavam do tema de maneira explícita, abordando diretamente o objeto de análise ou as situações enfrentadas por Jean Wyllys; 2) menção indireta, englobando temáticas que, apesar de abordarem outros assuntos, possuíam alguma relação com o objeto de análise em questão.

A PAUTA LGBTQIAP+ PELA FOLHA DE S. PAULO

A Folha de S. Paulo tem se destacado no campo jornalístico por sua participação abrangente na abordagem de questões relacionadas à comunidade LGBTQIAP+ e seus direitos. A partir do ano de 2018, o periódico em questão direcionou esforços significativos para abordar a diversidade de gênero em suas reportagens, explorando temas relacionados à transexualidade, não-binariedade e o uso de pronomes neutros.

Nesse contexto, um artigo publicado no mesmo período apresentou uma abordagem abrangente sobre essas temáticas. Embora a reportagem não tenha incorporado depoimentos diretos de indivíduos trans e não-binários, tampouco realizado entrevistas com especialistas em direitos LGBTQIAP+, contou com a participação de Boris Dittrich, parlamentar holandês que desempenhou um papel fundamental na aprovação da primeira legislação mundial sobre casamento entre pessoas do mesmo sexo.

No mês de abril de 2019, por exemplo, o periódico formalizou a proposição da concepção de uma editoria inovadora, intitulada "Diversidade". Contrapondo-se às convencionais seções editoriais, esta nova abordagem não se circunscreveria a um

espaço estático nas edições impressas e digitais do jornal, mas, ao contrário, permearia de modo abrangente todas as esferas do veículo de imprensa. A agenda delineada almejava inaugurar sua implementação a partir do mês subsequente, delineando uma agenda de discussão abrangente que abarcasse tanto os teores já submetidos à publicação quanto às potenciais diretrizes editoriais, engendrando, assim, um ambiente propício à redução do favorecimento excessivo de vozes de homens caucasianos e heterossexuais.

Ademais, é importante ressaltar que o periódico tem se mantido ativamente envolvido nos debates legislativos relacionados ao casamento homoafetivo, evidenciando seu compromisso em cobrir de maneira consistente e atualizada as discussões em torno desse tema de relevância social. Tal engajamento reflete o papel relevante do jornal como um veículo de informação e debate público sobre questões relacionadas aos direitos LGBTQIAP+.

Um passo importante, visto que, cotidianamente, os artefatos jornalísticos exercem significativa influência na esfera social, desempenhando o papel de fonte primordial para a construção e intercâmbio de significados, estando intrinsecamente interligados à dinâmica cultural. Portanto, segundo a perspectiva de Correia (2008), a divulgação de uma notícia consiste na atribuição de relevância a determinados temas da realidade atual, selecionados com base em sua atratividade para a comunidade, considerando os sistemas de crenças e importâncias pertinentes.

Outrossim, a publicação de artigos investigativos que abordam a experiência de casais LGBTQIAP+ que decidiram adotar crianças é outro indicativo do interesse do periódico em trazer à tona narrativas e perspectivas relevantes para a diversidade familiar. Para tanto, a Folha de S. Paulo emprega um enquadramento que seja facilmente compreensível por um amplo espectro de receptores e, idealmente, capaz de ser assimilado independentemente das diversas opções políticas e antecedentes culturais dos destinatários. Desse modo, desenvolve-se uma narrativa padronizada e estereotipada, projetada para transpor barreiras espaciais e temporais e cativar audiências.

Uma pesquisa conduzida por Alexandre Rocha da Silva (2022) empreendeu uma análise da abordagem midiática adotada pelo periódico em relação às discussões envolvendo a temática da União Civil Homossexual no Brasil, expondo as estratégias

empregadas pelo jornal. Segundo o autor, a Folha de S. Paulo buscou atrair uma ampla audiência, utilizando uma linguagem politicamente correta e defendendo a legalização do projeto com base em uma perspectiva cidadã. Contudo, o autor destaca que, ao mesmo tempo, preconceitos historicamente arraigados foram explorados em matérias aparentemente triviais, o que denota contradições na abordagem adotada pelo jornal.

Em um estudo de natureza exploratória empreendido por Barros Junior e Santos (2019), emergiu a revelação de que, a despeito dos esforços inaugurais empreendidos pelo jornal Folha de S. Paulo no intuito de ampliar a diversidade e cumprir o desígnio social subjacente ao campo do jornalismo, subsiste uma significativa concentração de atenção nos estratos hegemônicos contidos no âmbito da sigla LGBTQIAP+, notadamente indivíduos cisgênero e homens homossexuais. No corpus examinado, constatou-se que 70,5% das representações incidiam sobre indivíduos cisgênero no contexto do gênero, ao passo que os homens homossexuais abarcavam 75% do conteúdo no que tange à orientação sexual.

Além disso, o estudo identificou uma representação notavelmente baixa de lésbicas (16,6% do conteúdo em termos de orientação), travestis (5,8% do conteúdo em termos de gênero) e bissexuais (8,3% do conteúdo em termos de orientação) – grupos que frequentemente enfrentam preconceito, mesmo no interior da comunidade LGBTQIAP+. Adicionalmente, não foram identificadas representações de identidades sexuais de maior complexidade, como transexuais homossexuais ou bissexuais, ao longo do período de análise. A representação da população agênero se mostrou exígua, tendo sido identificada apenas uma fonte representativa durante a etapa de coleta de dados. (Barros Júnior; Santos, 2019, p. 138)

Os acadêmicos Darde e Morigi (2012) abordam a maneira pela qual as representações da população LGBT no âmbito jornalístico perpetuam a hegemonia da heteronormatividade, um fenômeno que não apenas restringe a inclusão social, mas também contribui para as desigualdades enfrentadas por esse grupo. A exposição da comunidade LGBT nos meios de comunicação é delineada por uma perspectiva que reafirma e legitima a norma heterossexual predominante, ao mesmo tempo em que busca assimilar a população LGBT aos padrões convencionais de relações interpessoais e estrutura familiar. Esse enfoque coloca em destaque a busca pelo "casamento" como

um meio de integrar indivíduos homossexuais, tanto masculinos quanto femininos, nesses moldes tradicionais. (Darde; Morigi, 2012, p. 160)

Contudo, ao invés de efetuar uma completa supressão do diálogo concernente à homossexualidade, ele é transmutado em uma forma excêntrica e exótica, subjugando-o a um status de "modo de vida" da "minoridade" populacional, com o resultado final de reforçar a supremacia da norma heterossexual. Os estudiosos sustentam que esse discurso de natureza discriminatória incita os indivíduos homossexuais a almejem a adoção de convenções e princípios inerentes à esfera heterossexual, como a instituição do "casamento" e a filiação de crianças. Tais representações da homossexualidade em circulação nos meios de comunicação ostentam uma gama diversa de ramificações no contexto social, influenciando o desenvolvimento das identidades individuais e contribuindo para a perpetuação do preconceito dirigido à comunidade LGBT e outros grupos que alicerçam suas identidades sociais na distinção.

ABORDAGEM DE PAUTAS SENSÍVEIS E POLARIZADORAS

Prosseguindo com nossa análise, na esfera jornalística, observa-se a existência de um domínio que propicia a revisão dos paradigmas profissionais consolidados, em resposta às demandas emanadas pela sociedade. Péret (2012), inclusive, aponta que a partir da década de 1920, as narrativas e reportagens relativas à comunidade homossexual veiculadas pela mídia de grande circulação passaram a estar profundamente impregnadas pela imagem da homossexualidade enquanto manifestação de perversão, pecado e delinquência. De acordo com a acadêmica “[...] o jornalismo brasileiro passou a vincular frequentemente a homossexualidade ao delito e à perversão” (Péret, 2012, p. 12)

Darde e Morigi (2012) defendem que a noção de veracidade assume uma configuração de reconstrução no âmbito do jornalismo, permitindo a contextualização dos eventos, a busca por suas raízes causais e sua apresentação de forma coerente. A verdade, se é que se pode encontrá-la em algum domínio, jamais se manifesta como uma essência intrínseca ao fato em si, mas antes na perspectiva do observador que o enxerga como verídico. Neste contexto, no exercício informativo, revela-se a separação entre a discussão do evento em si e a discussão sobre seu significado subjacente. Em virtude disso, desdobram-se múltiplas possibilidades potenciais de reconstrução da

realidade. Contudo, tal abordagem não obsta a inclusão da intenção de objetividade como elemento norteador do processo de reconstrução e interpretação.

Desta forma, esta abordagem na agenda de direitos, termo mais apropriado do que ‘pauta de costumes’, permanece carente de uma definição claramente delimitada, suscitando distintas interpretações entre os leitores, os quais tendem a percebê-la como uma demanda de caráter individual, atual e de ampla aceitação no contexto cotidiano.

É de notório conhecimento, inclusive, que a mídia abarca uma ampla gama de temas atinentes aos "direitos", a exemplo da criminalização da homofobia, votada em 2019, da redução da maioria penal, da liberação de medicamentos à base de canabidiol - atualmente (2023) objeto de deliberação no Supremo Tribunal Federal -, do porte de armas, dentre outros. Entretanto, como defendido por Rodrigues (2019), é imprescindível salientar que tais temas frequentemente se vinculam a questões de direitos, transcendendo a esfera meramente costumeira, para abarcar aspectos relativos à prerrogativas jurídicas e humanitárias.

Todavia, não obstante os avanços e esforços empreendidos, constata-se que a comunidade LGBTQIAP+ e outras minorias continuam sujeitas à invisibilidade social, subsistindo sob o jugo da discriminação e opressão. Em resposta a essa conjuntura, movimentos sociais emergem com o propósito de confrontar a hegemonia e fomentar a representatividade da pluralidade de identidades de gênero e sexualidade, valendo-se de meios comunicacionais e práticas jornalísticas de cunho contestatório.

Com isso, a representação da diversidade sexual e de gênero nos meios de comunicação assume uma relevância substantiva na configuração de uma sociedade caracterizada pela inclusão e igualdade. O modo como a mídia retrata as identidades LGBTQIAP+ exerce uma influência direta nas percepções e atitudes adotadas pela sociedade em relação a essa comunidade.

Nesse contexto, o jornalismo adquire uma posição proeminente, desempenhando uma função crucial na construção das narrativas e no impacto exercido sobre a opinião pública, fomentando a perpetuação de preconceitos e estereótipos nas narrativas jornalísticas. Verifica-se que, em muitas ocasiões, tais narrativas deixam de veicular conceitos fundamentais de direitos humanos universais.

Assim, surge uma imperativa responsabilidade ética para a abordagem dessas temáticas com sensibilidade e rigor, objetivando a edificação de um espaço midiático

que efetivamente concorra para a ampliação da conscientização, a promoção do respeito recíproco e a instauração de uma coexistência harmoniosa.

A MÍDIA E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE JEAN WYLLYS

Precedendo nossa exploração e avaliação das atitudes do veículo de comunicação Folha de S. Paulo em relação ao nosso tópico de estudo, é relevante que tenhamos um entendimento prévio sobre a identidade central em discussão.

Jean Wyllys de Matos Santos, nascido em 10 de março de 1974 em Alagoinhas, Bahia, é notabilizado como um ativista político que advoga pela defesa da democracia, direitos humanos e pela causa LGBTQIA+. Sua proeminência em âmbito nacional teve incremento ao participar do programa televisivo Big Brother Brasil, da Rede Globo, sendo contemplado como o vencedor da edição de 2005, o que lhe rendeu um prêmio no montante de um milhão de reais. Ele efetuou com êxito candidaturas ao cargo de Deputado Federal pelo Rio de Janeiro, sob a bandeira do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), tendo conquistado três mandatos consecutivos.

Jean Wyllys obteve vitórias eleitorais em 2010, contabilizando 13.000 votos, em 2014, angariando 144.770 votos, e em 2018, alcançando 24.295 votos. Durante os períodos em que ocupou seu mandato⁶, notabilizou-se por ser o único parlamentar assumidamente homossexual no âmbito do Congresso Nacional. Ele desempenhou um papel preponderante como líder da Comissão Externa, responsável por monitorar as investigações referentes à execução da vereadora Marielle Franco. Adicionalmente, Wyllys se destacou pela promoção de Iniciativas Legislativas.

Em uma coluna veiculada no Caderno Revista Folha, datado de 2006, a Folha de S. Paulo traz a pergunta "Quem é gay no BBB6?" e oferece análises a respeito da vitória de Jean Wyllys no reality show "Big Brother Brasil 6". De maneira ponderada e respeitosa, o autor procura elucidar a presença de atrasos estruturais presentes na sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, congratula a seleção de Jean Wyllys como campeão do programa. Tal abordagem se caracteriza por uma perspectiva inclusiva e

⁶ [Nota autoral] Em 28 de janeiro de 2019, sua equipe de assessoria comunicou que Jean Wyllys tomara a decisão de renunciar ao cargo, devido às ameaças de morte que havia recebido. O receio por sua segurança pessoal levou-o a fazer a escolha voluntária de deixar o país. Retornando ao território nacional em julho de 2023, após um período de quatro anos de exílio, o ex-deputado federal Jean Wyllys, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), regressou ao Brasil com a finalidade de assumir a função de assessor especial na Secretaria Especial de Comunicação Social da administração sob a égide de Luiz Inácio Lula da Silva.

reflexiva, que se esforça por apreender a trajetória pessoal do indivíduo em questão sem ceder a sensacionalismo ou preconceitos.

Figura 1 – Matéria da edição da Folha de S. Paulo publicada em 15 de janeiro de 2006



Fonte: (<https://www1.folha.uol.com.br/>)

Ao instigar o questionamento "Qual participante é homossexual no BBB6?", o autor externa um interesse voltado à investigação das representações bem como das implicações sócio-culturais inerentes à orientação sexual de um dos envolvidos no referido programa televisivo. Contudo, essa abordagem não se restringe apenas à orientação de um participante em específico, mas abarca indagações sobre a orientação

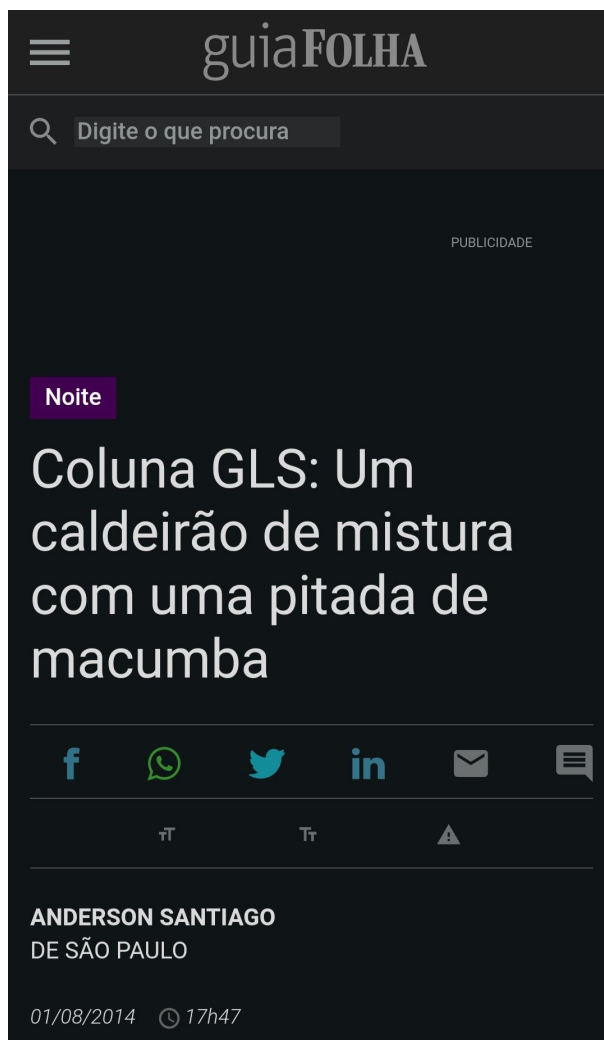
dos demais indivíduos participantes, ademais suscitando uma reflexão sobre as razões subjacentes à notória atração da audiência por detalhes de cunho privado concernentes às vidas alheias.

Adicionalmente, o autor contextualiza a vitória de Jean Wyllys dentro de um escopo mais amplo, apontando para as defasagens estruturais que subsistem na sociedade brasileira no que concerne à aceitação da diversidade sexual. Esta referência sugere uma compreensão crítica das complexidades sociais e políticas que moldam as percepções em relação à orientação sexual e à identidade de gênero. O tom do artigo reflete um engajamento consciente com as questões de justiça social e igualdade, destacando assim o compromisso da Folha de S. Paulo com a sensibilização pública e a discussão informada.

Ademais, atenta análise deve ser direcionada ao título da coluna na qual o artigo foi inserido. O termo "GLS" (Gays, Lésbicas e Simpatizantes), ao longo de sua trajetória histórica, assumiu a função de categorizar um coletivo de indivíduos que se autodeclararam como gays, lésbicas, ou que se identificam enquanto apoiadores e aliados da comunidade LGBTQIAP+. A sua origem remonta a meados do século XX, quando emergiu como instrumento linguístico destinado a abarcar tanto os membros da referida comunidade quanto aqueles que a endossavam. Não obstante, ao longo do curso temporal subsequente, o termo passou a arquitetar discussões e críticas intrínsecas à própria constelação da comunidade LGBTQIAP+.

Nesse contexto, importa frisar que a Folha de S. Paulo, não obstante as críticas e os debates, manteve a designação da coluna em questão por um período considerável, até a sua posterior extinção em 2010. Além de tudo, durante os quatro anos subsequentes ao cancelamento da coluna, identifica-se a persistência ocasional do emprego inadequado do termo em algumas matérias em âmbito digital. Este desdobramento evidencia a natureza intrincada e multifacetada das deliberações em torno do emprego do termo "GLS", revelando a complexa intersecção entre as esferas linguísticas, sociais e políticas no tocante à representação e inclusão da comunidade LGBTQIAP+, mesmo depois de anos.

Figura 2 – Matéria digital da Folha de S. Paulo publicada em 01 de agosto de 2014



Fonte: (<https://guia.folha.uol.com.br/noite/>)

Prosseguindo com a análise em curso, embora persistam equívocos substanciais como o mencionado, ainda observados na produção jornalística da Folha de S. Paulo, o referido periódico evidencia zelo ao sondar as lutas enfrentadas por Jean Wyllys. A abordagem noticiosa não atenua os obstáculos por ele vivenciados em decorrência de sua orientação sexual; entretanto, também se abstém de explorar esses desafios de maneira excessivamente teatral. Em lugar disso, a abordagem equânime facultada permite aos leitores a apreensão das intrincadas complexidades envolvidas, bem como a compreensão da magnitude subjacente à empreitada contra a manifestação discriminatória.

parlamentar, e concedendo-lhe a oportunidade de se expressar mediante a redação de artigos veiculados pelo jornal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em uma revisão abrangente da literatura acadêmica e análise de estudos especializados, sustenta-se a argumentação de que o campo do jornalismo brasileiro frequentemente apresenta uma representação elitista da comunidade LGBTQIAP+. Nesse contexto, a Folha de S. Paulo se configura como um exemplo de veículo de comunicação que, embora reconheça a importância dessa pauta, também reproduz uma visão antiquada e limitada, como pode se perceber na sua insistência no emprego do termo antiquado “GLS”.

No entanto, o jornal parece demonstrar um compromisso com a ética jornalística ao tratar da orientação sexual de Jean Wyllys. O jornal evita sensacionalismo e não transforma a sua sexualidade em um elemento central das reportagens. Em vez disso, o foco é direcionado para as suas posições políticas, projetos de lei e atuações relevantes no cenário político brasileiro.

Um aspecto notável reside no fato de que o acadêmico Iran Melo (2017) assinalou que o registro histórico do referido periódico evidencia uma propensão a abordar temáticas que estreitem os vínculos entre o jornal e o amplo público. Consoante sua análise, ao longo do transcurso temporal, o conglomerado empresarial subjacente à Folha de S. Paulo encabeçou distintas campanhas dotadas de objetivos diversos, algumas das quais voltadas a fomentar a participação cívica, ao mesmo tempo que posicionavam a empresa de maneira inequívoca em relação às demandas apresentadas. No entanto,

[...] em nenhuma de suas fases históricas, esse jornal esteve oficialmente ligado a um projeto de visibilidade de minorias, muito menos a ações ativistas de LGBT. Isso faz com que o trabalho de tematização e destaque empreendido através do noticiário sobre as Paradas nesse periódico funcione como uma espécie de prática jornalística inédita na trajetória político-ideológica da Folha e, em virtude da representatividade desse jornal no cenário da imprensa brasileira, faz também com que tenha o mesmo significado na história da imprensa de nosso país. (Melo, 2017, p.136)

Por derradeiro, é perceptível que a postura adotada pela Folha de S. Paulo frente a Jean Wyllys se pauta pelo respeito à esfera privada do político quando tal se apresenta como imperativo. Não obstante a franca manifestação de Jean Wyllys quanto à sua orientação sexual, não se verifica por parte do periódico em análise qualquer incursão indiscreta no âmbito de sua esfera pessoal, tampouco se observam conjecturas irrelevantes concernentes à sua vida íntima.

De maneira concisa, a Folha de S. Paulo adota uma abordagem equilibrada e reverente ao retratar o deputado. A ênfase se direciona às atividades políticas por ele empreendidas, às suas contribuições para o convívio social e às batalhas por ele travadas contra o preconceito, erguendo, dessa maneira, um arcabouço propício a um diálogo mais inclusivo e consciente acerca da diversidade no âmbito da política brasileira.

Em uma análise final, a maneira pela qual a Folha de S. Paulo representou e continua a representar a comunidade LGBTQIAP+ reflete as metamorfoses que se desenrolam na sociedade brasileira em sua totalidade. À medida que uma crescente porção de indivíduos LGBTQIAP+ adquire visibilidade e voz nos canais midiáticos, é razoável antecipar que a cobertura efetuada se amplie para abarcar uma gama mais diversificada de identidades e vivências intrínsecas a essa coletividade. Não obstante, tal expansão requer uma dedicação contínua à suplantação de preconceitos e estereótipos arraigados, com o fito de engendrar uma representação mais holística e inclusiva.

Uma empreitada colaborativa se faz necessária para assegurar que a mídia exerça uma função construtiva na promoção da equidade, enquanto se erige como um baluarte na luta contra a discriminação e a disseminação de informações incorretas concernentes à comunidade LGBTQIAP+.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. (2011). **Análise de conteúdo**. São Paulo:70, 279 p.

BARROS JUNIOR, R. A.; SANTOS, A. P. dos. (2019). **LGBT em Folha**: um estudo sobre a diversidade na Folha de S. Paulo. In: *XIII Seminário Nacional de Mídia, Cultura e Cidadania*, 2019, Goiânia. Anais de artigos completos do XIII Seminário Nacional de Mídia e Cultura, p. 125-140.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**; tradução Rane Souza. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.

CORREIA, J. C. **Teoria e Crítica do Discurso Noticioso** - Notas sobre Jornalismo e representações sociais. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

DARDE, V. W. da S.; MORIGI, V. J. **Diversidade sexual no jornalismo brasileiro**: um estudo sobre as representações da população LGBT nos jornais Folha de S. Paulo e o Estado de S. Paulo. *Brazilian journalism research*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 149–165, 2012. DOI: 10.25200/BJR.v8n1.2012.396. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/396>. Acesso em: 11 aug. 2023.

DIJK, T. V. **Discurso, notícia e ideologia**. Estudos da Análise Crítica do Discurso, Porto: Campo das Letras, 2005.

FOLHA DE S. PAULO. **Acervo Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br>>. Acesso: setembro/2023.

MELO, I. F. (2017). **Visibilidade é tudo?** Estudo crítico de LGBT na Folha de S. Paulo. In *Revista do GELNE*, v. 19, p. 123-138.

PÉRET, F. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2012. 135p.

RODRIGUES, J. (2019). **Pauta de costumes?** In *Revista Fórum*. Opinião, 2019. Recuperado de <https://revistaforum.com.br/opiniao/2019/12/24/pauta-de-costumes-66402.html>

SILVA, A. R. da. (2022). **Produção jornalística de sexualidades**: como a FSP midiaticizou os debates sobre União Civil Homossexual no Brasil. In *Intexto*, Porto Alegre, n.54, e-120483.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.